



Filosofia e Literatura: tensão e interlocução

PHILOSOPHY AND LITERATURE:
TENSION AND DIALOGUE

Ética e Literatura em Sartre: ensaios introdutórios

de FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA

Col. Biblioteca de Filosofia/Marilena Chauí (dir.),

Florianópolis, 2004. (org.)

São Paulo: Editora Unesp • 2004 • 260p. • ISBN 85-7139-515-2



Ser e o Nada e *A Náusea* são duas das obras fundamentais publicadas por Jean Paul Sartre, em seu trabalho como escritor. Podemos designar o primeiro livro como obra filosófica e o segundo como obra literária. Tal designação implica a possibilidade de marcar dois campos de saber (literatura e filosofia), partindo daí uma série de argumentos para dispor as relações entre eles. Na história da filosofia, encon-

tramos múltiplos exemplos de escritores que produziram obras filosóficas e, ao mesmo tempo, literárias. O filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard – que, na primeira metade do século XIX, transitou com desenvoltura entre os dois campos – é apontado como o fundador do movimento existencialista, marco histórico da aurora da filosofia francesa nos anos 1950-1960.

Pode-se afirmar que uma das marcas mais evidentes do existencialismo foi justamente estabelecer uma sólida interlocução entre a escrita filosófica e a literária. Sartre é certamente a estrela mor do movimento, ao publicar extensa obra, analisada de diferentes perspectivas. Numa delas está o trabalho do prof. Franklin Leopoldo e Silva: estabelecer uma “relação de complementação recíproca entre filosofia e literatura”, a fim de analisar o “projeto sartriano de *pensar a ordem humana*: a compreensão da existência como *condição* e da contingência com seu *horizonte-limite*” (p. 12).

É com o propósito de examinar o projeto sartriano que Leopoldo e Silva define sua posição para identificar os elementos centrais da relação entre filosofia e literatura (“obra ficcional”): “entendemos que o centro de irradiação desse projeto determina a relação entre filosofia e literatura como uma vizinhança *comunicante*, e é responsável pela diferença e pela adequação recíproca dos dois modos da dualidade expressiva. Com isso,

**MÁRCIO APARECIDO
MARIGUELA**

Universidade Metodista de
Piracicaba (UNIMEP)
mariguel@unimep.br





queremos dizer que a expressão filosófica e a expressão literária são ambas necessárias em Sartre porque, por meio delas, o autor *diz e não diz* as mesmas coisas” (p. 12).

A posição do autor é a de que Sartre diz a mesma coisa de maneiras diferentes. Exemplo: “a compreensão das vivências individuais pela via da ficção só atinge o plano da existência concreta porque insere o drama existencial particular na estrutura universal do ser da consciência” (p. 13). Não se trata de buscar uma “relação de identidade absoluta” entre filosofia e literatura, e sim de estabelecer a “vizinhança comunicante”: entendida pelo autor como uma “passagem interna” entre os dois campos: “haveria uma forma de passar de um a outro que seria uma via interna, sem que, nesse caso, a comunicação direta anulasse a diferença” (p. 13). É assim que o autor constata que tal passagem não está dada: é preciso construí-la para afirmar a concretude do universal (filosofia) e a universalidade do particular (literatura).

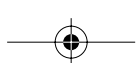
O autor renuncia, assim, a outra perspectiva de leitura, que consiste no seguinte pressuposto: a literatura de Sartre ilustra teses filosóficas. “Se a literatura não serve apenas para ilustrar teorias filosóficas e se, no entanto, há uma identidade profunda entre as duas instâncias de expressão” (p. 12), então é possível pensar o projeto sartriano a partir dessa “vizinhança comunicante”. O ponto que permite a passagem interna de um campo a outro é perfurado pela questão ética, pois considera que a ética configura a base intencional de tudo o que Sartre escreveu. Na literatura, Sartre fez experiências de “exemplificações concretas da teoria, mas como algo que aponta para o equilíbrio (instável?) entre o tratamento teórico e o exame da particularidade vivencial” (p. 17). Para esse argumento, o autor encontra justificativas no artigo de Sartre, *Que é a Literatura?*, no qual o pensador francês assumiu o propósito de vivenciar – o que chamou de “questões de nosso tempo” – problemas filosóficos (como é possível fazer-se homem na história?) em experiências ficcionais – os romances.

Daí deriva o tema central do projeto sartriano: liberdade e história, questão ética fundamental. Se “a escrita é um exercício de liberdade que somente se completa apelando para a liberdade do outro, o leitor” (p. 20), então o ato literário é marcado pelo problema ético. Aqui o autor estabelece uma analogia que me parece decisiva para a leitura dos capítulos que compõem o livro resenhado: “é como se a exigência incondicionada da obra constituísse, entre o autor e os leitores, reais e possíveis, aquilo que Kant denomina uma comunidade dos fins. O caráter incondicionado da obra de arte, invocado por Kant, é para Sartre o apelo à liberdade” (p. 20).

Limito-me aos argumentos da “Introdução”, pois demonstram com precisão a montagem do livro – com dois capítulos (I e IX) publicados em 2000 e os demais inéditos – e indicam ao leitor a construção da perspectiva de leitura do projeto sartriano. Os comentários de *A Náusea* (cap. III – “Existência e contingência”) são exemplares para compreender a chave de leitura proposta pelo autor, ao analisar a questão ética como ponto de passagem entre filosofia e literatura, e, sobretudo, entender o que chamou de *dualidade de expressão* para Sartre desenvolver a questão ética. Por sua vez, o título da “Conclusão” aponta a tese central do livro: “Práxis: a literatura como compreensão ética da realidade humana”.

Um aspecto problemático pareceu-me ser o de situar a relação/distinção entre Sartre e Camus (cap. IX), no que diz respeito a arte, subjetividade e história. O livro entra na polêmica e dilacerante ligação Sartre-Camus pelo tema da história e comenta os impasses no solo dos mal-entendidos. Exemplo: “O que Camus desejaria (sic) que Sartre entendesse é que, se aceitamos a natureza apenas por via da mediação da história, então é como se matássemos a natureza no ato mesmo de incorporá-la ao nosso pensamento” (p. 228).

Os escritos do prof. Franklin Leopoldo e Silva tornam público o seu trabalho docente na USP – onde é responsável pela disciplina história





da filosofia contemporânea – e reafirma a necessária extensão entre o trabalho de pesquisa e de ensino, possibilitando, assim, instaurar outras lei-

turas de Sartre. Que o centenário de seu nascimento possa encontrar no livro resenhado um brinde histórico.

Dados do autor

Psicanalista e professor de história da filosofia contemporânea no curso de Filosofia da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

Recebimento: 5/jun./05
Aprovada: 21/jun./05

